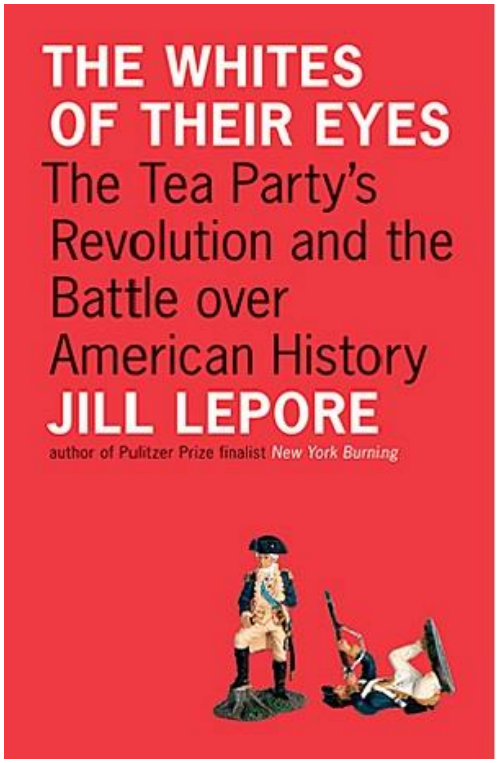
Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384
Boletim do Tempo Presente, nº 02, de 09 de 2012, p. 1 - 4, | http://www.seer.ufs.br/index.php/tempopresente

RESENHA: LEPORE, JILL. *THE WHITE OF THEIR EYES: THE TEA PARTY´S REVOLUTION AND THE BATTLE OVER AMERICAN HISTORY.* NEW JERSEY: PRINCETON UNIVERSITY PRESS. 2010.

Por *Igor Lapsky*
Mestre em História Comparada PPGHC/UFRJ



Lançada em 2010 pela *Princeton University Press*, a obra *The White of their eyes: the Tea Party´s revolution and the battle over American history* tem como principal objetivo analisar o *Tea Party*, grupo criado em 2009 com o objetivo de protestar contra a política do governo Obama. O livro foi escrito por Jill Lepore, especialista em História Americana e professora da área na universidade de Harvard, Massachussets.

Lepore publica esta obra num momento de grandes debates na política norte-americana: Barack Obama, em 23 de Março de 2010, assinou a reforma da saúde (Health Care), na qual todos os americanos deveriam ser obrigados a adquirir um plano de saúde sob o risco de serem multados pela federação caso não cumprissem esta determinação. Para as camadas mais pobres da sociedade americana, a lei previa subsídios para fazer planos a preços populares, viabilizando o pagamento.

Tal medida está inserida num pensamento do partido democrata pós-crise econômica de 2008: é necessária uma maior intervenção do Estado na economia, assim como era preciso o aumento dos impostos para possibilitar políticas sociais promovidas para as camadas mais pobres da população. Porém, esta tese não coaduna com os conservadores norte-americanos, que defendem a diminuição da presença do Estado e a baixa dos impostos, pautado num discurso de liberdade e representação oriundo da revolução americana no século XVIII.

É neste contexto que está inserido o Tea Party. O grupo começou a ser pensado em Fevereiro de 2009, quando Rick Santelli, jornalista e comentarista do noticiário matinal da CNBC, criticou em público a política econômica do novo governo, a partir de um pensamento político embasado nos Pais Fundadores, reforçando a necessidade de uma mobilização da população contra a imposição do governo. Nesse sentido, a luta seria pela liberdade, assim como havia sido durante a Festa do Chá, manifestação popular ocorrida em 16 de Dezembro de 1773 contra impostos cobrados pela Coroa Britânica.

Em 15 de Abril de 2009, no *Tax Day* (dia de recolhimento das taxas para o tesouro americano), manifestantes foram às ruas de diversas cidades nos Estados Unidos para protestar contra o excesso de impostos, relembrando histórias da revolução e como o povo americano havia conseguido o direito de liberdade. Barack Obama estava sendo chamado de arrogante e sua administração foi comparada à das colônias americanas pela Inglaterra no século XVIII.

A manifestação repercutiu em todo o país. Diversos setores da sociedade norte-americana passaram então a fazer parte do Tea Party não somente para protestar contra a política econômica do país que ainda vive os reflexos da crise de 2008, como também reivindicar mudanças em aspectos sociais como a proibição da união civil de homossexuais, sob o argumento de que o Estado foi criado por homens cristãos, que acreditavam no matrimônio como base para a constituição da família.

Outra questão debatida neste período foi o currículo escolar. No Texas, a comissão de educação sugeriu propostas de alteração nos estudos de História: as figuras das personalidades, neste caso os Pais Fundadores, seria exaltadas enquanto temas como direitos civis - que abordavam a questão dos negros, mulheres e gays -, foram preteridas

para ser estudado nacionalismo e cidadania. Conceitos também foram alterados em sala de aula: capitalismo e escravidão passaram a ser ensinados como livre concorrência e economia triangular no período colonial, respectivamente. Temas como Macarthismo e a ressurgência dos movimentos conservadores na década de 1980 passaram a ser tratados como pontos positivos da política americana, que auxiliaram no desenvolvimento do país. Além disso, autores como Tomás de Aquino passaram a ser estudados para entender a revolução americana, pois suas ideias estavam pautadas numa aproximação entre religião e Estado.

Este contexto de surgimento do Tea Party é analisado pela autora como ponto de partida de sua obra. A partir daí, Lepore fez um trabalho de diálogo contínuo entre passado e presente, procurando compreender como o movimento atual se inspirou na revolução americana através de comparações, leituras dos Pais Fundadores e entrevistas com membros de Boston do grupo.

Os capítulos do livro são estruturados a partir de debates sobre o Tea Party e como estes pontos servem como uma "máquina do tempo" para compreendermos o processo ocorrido na festa do chá em 1773 e as comemorações do bicentenário na década de 70 do século XX. Em um determinado momento, Lepore faz uma interessante análise sobre a atuação dos jornais em todos os períodos, desenvolvendo a tese de que o declínio dos jornais desestabiliza a política norte-americana, que por sua vez propicia o fortalecimento de movimentos conservadores no país. Podemos ver estes exemplos na década de 1970, com as manifestações contra negros e homossexuais, e no século XXI, a partir da luta para derrubar a reforma da saúde e a alta carga de impostos.

Outro ponto de análise trabalhado pela autora é que o Tea Party tem semelhanças com o movimento dos anos 1970, pois retomam a memória da festa do chá como união de oposição ao governo. É importante lembrar que as manifestações durante o bicentenário da festa do chá foram marcadas pelas duras críticas ao presidente Richard Nixon, aumentadas pelo episódio de Watergate em 1972, quando foram levantadas suspeitas que Nixon havia consentido e participado de um esquema ilegal de espionagem ao partido Democrata no período das eleições presidenciais. Os manifestantes saíram às ruas vestidos com roupas da época da revolução americana, reivindicando o impeachment do presidente Nixon. A mesma ação pode ser vista nos

protestos contra o atual presidente, quando membros do Tea Party saem às ruas vestidos de colonos para protestar as medidas administrativas do governo Obama.

Lepore procura mostrar que o Tea Party não é um movimento uníssono, mostrando diversas divergências nas ideias entre alas e cidades. A autora entrevista um membro de Boston que critica a visão da mídia norte-americana em classificar o movimento como racista e xenófobo (uma ala do Tea Party critica Obama por ter nome muçulmano e ser negro), mas admite o pensamento divergente existente dentro do grupo. Outro episódio comentado pela autora é a coalizão com Sarah Palin, candidata a vice-presidência nas eleições de 2008 pelo partido republicano e ex-governadora do Estado do Alaska, na qual diversos setores do grupo não concordavam com determinadas ideias (principalmente o ataque direto à Obama e não sua administração), mas a apoiavam por ser oposição ao presidente dos Estados Unidos.

O livro de Lepore tem uma tese central muito clara: o Tea Party não pode ser conhecido como um movimento histórico, pois eles acreditam numa sobreposição de situações, ou seja, o momento da manifestação é semelhante ao contexto da revolução americana, assim como o conceito de liberdade, o pensamento dos Pais Fundadores e o "espírito" da Constituição não podem ser alterados.

Por fim, Lepore afirma que podemos notar uma negação de toda teoria e metodologia empregada pelos historiadores, representada pela resistência às mudanças, anacronismos e falta de análise de conceitos pelo movimento. Esta negação, aliada ao retorno às origens da revolução americana, não é história, e sim anti-história, fundamentalismo.